

Edição Premium

- E-xpresso **NOVO**
- Versão Html
- 1.º Caderno
- Economia
- Única
- Actual
- Opinião
- Edições Anteriores
- Lojas Internacionais
- Expresso via Satélite

Actualidade

- Economia
- Desporto
- Multimédia
- Expresso TV
- Dossiês
- Postais
- Enviados
- Rede Expresso
- África
- Comunidade
- Fóruns
- Blogues
- Opinião

Guia do Estudante

- Escape
- Gourmet
- Emprego
- Imobiliário

Iniciativas Expresso

- Loja Online**

Serviços

- Podcast
- Notícias Lusa

Ficha Técnica

- Definir como homepage
- Adicionar aos favoritos

SOBREMESAS

- Fetiche
- Relações
- Arquitectura
- Sapatos
- Moda
- Relógios
- Estética
- Em manutenção
- Coordenadas soltas
- Fotografia
- À mesa
- Na cozinha
- Receita
- Vinhos

Entrevista

«Quis fazer uma história da minha vida que não pudesse ser reescrita»

NAN GOLDIN

A norte-americana Nan Goldin, uma das mais conceituadas fotógrafas contemporâneas, passou por Lisboa, onde foi júri do Festival DocLisboa. O Expresso lançou um duplo desafio: a Goldin, para ser entrevistada, e ao também fotógrafo Daniel Blaufuks, para entrevistá-la. E fotografá-la

Alterar tamanho



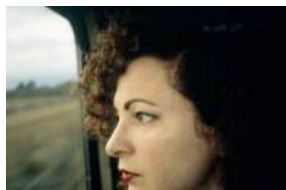
DANIEL BLAUFUKS

Aos cinquenta e cinco anos é uma das referências na fotografia contemporânea. Através de retratos e de fotografias de momentos íntimos, Goldin documenta a sua vida e a dos seus amigos. O conteúdo das imagens é muitas vezes mais importante do que a composição. O resultado é um documento único de uma forma de vida. O seu percurso fotográfico é atravessado pela toxicod dependência e pela sida, que atingiu muitos dos seus amigos. O trabalho vive de um fluxo de imagens narrativo, que não esconde nem as tragédias nem a decadência, onde reconhecemos as mesmas personagens ao longo dos anos, algumas fotografadas até depois da sua morte. As fotografias funcionam como um registo diário cheio de empatia com a sua «família» e com os detalhes particulares das suas vidas. O seu trabalho fez-nos descobrir novas formas mais imediatas de fotografar. Nan Goldin abandonou os Estados Unidos há alguns anos e vive agora entre Paris e Londres.

Apesar de viver na Europa, quais são as suas expectativas para estas eleições? Penso que estará a torcer por Obama... Não tenho nenhuma fé. Como é que um homem negro pode ganhar as eleições? Não há forma de Obama poder ganhar. Querem que acreditemos que vai ganhar mas, depois, à última hora, vão roubar a eleição. Aconteceu exactamente o mesmo com Bush na Florida. O governador Jeb Bush conseguiu inverter a situação alterando os resultados. Essa foi, aliás, a razão que me fez sair de Nova Iorque e vir para a Europa. Se Obama ganhar, vai ser assassinado.

Neste momento as sondagens prevêm a sua vitória... Há uma parte de mim que ainda acredita, mas dado o que tem vindo a acontecer nos Estados Unidos desde John F. Kennedy, é quase impossível pensar que possamos regressar a uma ideia da América maravilhosa e inocente que não seja controlada pelas grandes empresas, e por todos os tipos de polícia secretas que nem sequer conhecemos. Eles não vão deixar que este homem inteligente e sensível... não sei...

Teria sido mais interessante se a candidata fosse Hillary Clinton? Não. Não gosto nada dela. Uma mulher sim, mas não ela. Faz parte do sistema. Bem... Bill Clinton não foi assim tão mau. Destruíram-no desde o dia em que tomou posse. Toda a gente sabia que Kennedy era um grande mulherengo, mas entretanto as coisas tornaram-se tão puritanas! E os puritanos agora ainda têm mais poder.



FOTOGRAFIAS DE NAN GOLDIN: «SELF PORTRAIT ON THE TRAIN» (ALEMANHA, 1992)

Mas se o «milagre» Obama acontecer, considerará regressar aos Estados Unidos? Sou capaz de regressar, sobretudo por razões pessoais, por causa de um amigo muito próximo e também pelos meus pais. O meu pai tem 95 anos, gostaria de passar o máximo de tempo com ele.

Saiu por razões políticas mas regressaria por razões pessoais. O que mudou na relação com o seu país e sobretudo com Nova Iorque? Já não é a minha Nova Iorque. Assisti à presidência de Ronald Reagan e vi a epidemia tornar-se uma catástrofe. Senti tudo ir ao fundo. A sida foi uma doença que poderia ter sido controlada pelos políticos. Não foi por várias razões. Em 1978, o presidente da câmara de São Francisco foi assassinado. Foi o primeiro político a assumir a sua homossexualidade. Os homossexuais eram um grupo economicamente poderoso. Tive amigos nos anos 60 e 70 que previam que na década seguinte os homossexuais estariam todos em campos de concentração. Em 1982, vi o primeiro amigo morrer com sida. Nessa altura nem sabíamos o que era aquilo, se um cancro ou uma doença exclusivamente homossexual. Em 1983, comeci a ir a encontros políticos, debates com médicos, e entre 1985 e

- ABERTURA
- Opinião
- Textos

PRATO PRINCIPAL

- Na América

Eleições

- Quem vai chegar primeiro?

Pensilvânia

- A Pensilvânia dos indecisos

Sonho

- Onde pára o sonho americano?

Portugueses

- O fado de Fall River

Pins

- Levar a política a peito

Entrevista

- «Quis fazer uma história da minha vida que não pudesse ser reescrita»

Gossip Girl

- A série que os «teens» devoram... e os pais odeiam

Nós por cá

- Descubra as diferenças

ENTRADAS

- Olga Roriz, coreógrafa
- Francisco Ferreira
- Alarga... e encolhe
- Ranking falado
- Jogo de vozes
- Doutor do treino
- Os locais preferidos de Nuno Caldeira da Silva
- Numerologia
- Autódromo do Algarve abre hoje
- Claro e escuro

- Relato do terramoto de 1755
- Taekwondo, ou o caminho dos pés e dos punhos

» Grandes dias pequenos mundos

1993, a maior parte dos meus amigos morreu com esta doença.

Sei que foi curadora da primeira exposição que se fez sobre a sida e que se realizou em Nova Iorque... É verdade. Foi em 1989.



«STROMBOLI AT DAWN»
(NÁPOLES, 1996)

Penso sempre no seu trabalho como a obra de um correspondente de uma guerra inesperada. Independentemente do valor estético, esta tornou-se também muito importante como documento dessa época. Sim. Mas o meu primeiro livro - «The Ballad of Sexual Dependency» (Aperture, 1986) - não tem nada a ver com sida. As pessoas esquecem-se, mas foi o primeiro livro deste género depois de Larry Clark ter feito «Tulsa», em 1971, no qual retratava os seus amigos toxicodependentes. Quando o publiquei, diziam-me que não havia boas artistas femininas. As pessoas não fazem ideia do que era ser mulher e artista naquela altura. Mas também tive sorte, quando entrei para a escola de artes não sabíamos o que era a revista «Artforum», nem passávamos o nosso tempo a pensar no mercado de arte. Não fazíamos ideia do que isso era.

Quando começou, a fotografia ainda não era vista como uma forma de arte. É verdade. Éramos artistas e pensávamos que íamos sofrer e ser pobres a vida inteira. Só cerca de cinco por cento das pessoas que estiveram comigo na escola de artes em Boston se tornaram artistas. Alguns são muito bons. Foi um bom período. Agora, tudo parece ter a ver com dinheiro. Dei aulas em Yale e tudo o que pensamos é nas galerias, se vão conseguir uma exposição ou quanto é que vão ganhar. No meu tempo não era assim. E no seu?

Sai da escola de fotografia em 1987. Pensava-se muito em dinheiro?



«SELF PORTRAIT IN THE BLUE BATHROOM» (LONDRES, 1980)

Fui trabalhar para um jornal. Nessa altura as galerias de arte não trabalhavam com fotógrafos. Só a partir de meados dos anos noventa é que começou a ser possível pensar em viver de vender fotografia. Vi o seu livro sobre o escritor Paul Bowles. São fotografias particularmente belas...

...Voltemos ao seu trabalho. Penso que foi um dos primeiros fotógrafos que começou a usar a cor como afirmação artística e vejo uma relação do seu trabalho com a obra de William Eggleston, um mestre da cor. Nessa época conhecia o trabalho dele? Antes de ir para a escola de artes, quando fiz as primeiras fotografias a preto-e-branco, não sabia nada. Mas depois conheci o trabalho de bastantes fotógrafos. Tive um professor maravilhoso que me falou de Larry Clark, Arbus, Weegee, e de tantos outros.

O seu trabalho tem para mim uma qualidade particular: quando observo as suas fotografias sinto vontade de pegar na máquina e começar a fotografar. Nem todos os fotógrafos, independentemente da qualidade, têm esse poder. Embora tenha vivido numa comunidade muito específica, há uma identificação imediata com o seu mundo. Não importa a cidade. É sempre sobre a nossa cultura. É sobre um certa tribo. Encontram-se em todo o lado, Berlim, Tóquio... Fico irritada quando me falam da «The Ballad...» como se fosse sobre um certo tipo de gente marginal do Lower East Side. Não éramos marginais, mas não nos interessava falar com gente formal. Nós éramos o mundo.



NAN GOLDIN, FOTOGRAFADA POR DANIEL BLAUFUKS NO SÁBADO PASSADO

Esse foi o mundo que fotografou. O modo como o faz é muito terno, se é que posso usar esta palavra. Espero que sim. Tiro as fotografias para agradar tanto aos meus amigos como a mim própria. Isto não começou como um projecto fotográfico. O meu primeiro desejo era pôr as «drag queens» na capa da «Vogue», porque pensava que eram muito mais bonitas do que mulheres. Nunca usei uma fotografia de que não gostassem. Não pensava em mim como fotógrafa. Tiro as fotografias, publico-as e depois as pessoas dizem-me do que é que se trata. As imagens saem-me directamente do estômago e do coração, não são resultado de uma ideologia qualquer. Depois leio as críticas e se gosto de alguma frase, uso-a.

Como é que se desenvolveu o trabalho? Nos anos oitenta, viajei pela Europa a projectar os meus diapositivos por trezentos dólares. Esse trabalho é a base da «The Ballad...». As pessoas conhecem o meu trabalho só a partir desse livro, mas o livro surge dessas projecções. Essas fotografias não eram mostradas em galerias. Começaram por ser vistas em clubes nocturnos e, mais tarde, em museus. Berlim tornou-se uma parte importante do meu percurso porque a primeira vez que mostrei o meu trabalho as pessoas vinham ter comigo e perguntavam se podiam fazer parte da minha família. Acabei por viver lá.

Quando vi pela primeira vez um dos seus trabalhos em projecção, pensei que essa era a forma ideal para o apresentar. Também acho. Sempre quis ser cineasta, e nos anos oitenta o realizador Jim Jarmusch disse-me que as minhas projecções lhe lembravam o filme «La Jetée» do Chris Marker, que tem muito a ver com o tempo e com uma sequência de imagens. «The Ballad...» é

um livro a partir de um filme.

Alguma vez considerou a hipótese de editar uma caixa de diapositivos em vez de um livro? Sim. Pediram-me que autorizasse uma edição em DVD.

Não. O DVD seria um erro. Uma edição para as pessoas projectarem em casa como o original e com o som dos diapositivos a passar. O ambiente de uma projecção adiciona uma outra dimensão às imagens. As pessoas já não têm projectores. Ninguém fabrica. Comecei até a comprá-los nas feiras de ladra. Este ano fiz uma projecção da «The Ballad...» na Tate Gallery, mas já em versão digitalizada. Aconteceu numa única noite e com músicos ao vivo. Na Primavera, volto a fazê-lo em Nova Iorque. Quero ter cantores diferentes em cada cidade. A ideia é que cada um interprete as imagens como quiser. Também fiz um trabalho com a Bjork em que ela canta música sacra sobre diapositivos de casais a fazerem sexo. Foi ela que escolheu a música: uma mistura do sagrado e do profano. As projecções são a parte mais importante do meu trabalho.

Alguma vez esperou que o seu trabalho crescesse desta forma? É como uma cantora, que começou a cantar em bares e de repente está no Carnegie Hall... Quando era pequena queria ser famosa, mas não aquilo que as pessoas hoje em dia entendem por fama. Eu não queria ser uma celebridade. Queria deixar uma marca. Achava que não haveria razão para viver se não deixasse nada no mundo. Mas não fazia ideia do que era o mundo. Quando tive a minha primeira crítica, sobre uma exposição que fiz numa cave, em 1973, achei que já era famosa. Não percebia o que estava em causa. Só em 1989 é que comecei realmente a entender o que era o mercado de arte, no sentido comercial. Trabalhei durante anos com o Leo Castelli e não percebia. Lembrome exactamente onde estava quando percebi: vi, com espanto, que a galeria era por cima da Chanel, e finalmente entendi que o mundo da arte era totalmente controlado pelo mercado e não tinha nada a ver com arte. E é cada vez pior.

Sei que começou a fotografar porque queria sentir-se viva. Quis fazer uma história da minha vida, que não pudesse ser reescrita. Cresci num lugar muito religioso onde não se falava de certas coisas. Cresci nos subúrbios. De um lado estavam os judeus, do outro os católicos.

Vem de uma família judia não vem? Sim. Quando voltava para casa tinha de passar pelos católicos, às vezes ouvia alguns insultos. Ao contrário das outras pessoas, eu queria saber o que os vizinhos andavam a fazer e achei que devia abrir a «cortina». Muito nova, decidi manter um diário. Primeiro era escrito, mas aos quinze anos arranjei uma câmara fotográfica. Percebi que podia construir o meu testemunho, sem que ninguém o pudesse negar. Agora, por causa do Photoshop, isso parece já não ser verdade outra vez. É deprimente. No ano passado dei uma conferência na Tate Gallery para cerca de 150 pessoas, e no fim perguntei quantos deles ainda achavam que uma fotografia podia ser verdadeira. Só cinco levantaram a mão. Se 150 pessoas já não acreditam, então todo o meu trabalho é nulo e vazio, porque fi-lo para dizer uma verdade sobre a minha vida e a vida das pessoas e agora as pessoas pensam que é uma manipulação digital.

Não acho que a expressão dos seus olhos em alguns dos seus autorretratos se possa conseguir com Photoshop. Não destrua todas as nossas esperanças para o futuro... O seu trabalho é também uma democratização do sujeito e do objecto fotografado. Qualquer assunto pode ser tema de uma imagem. Mesmo quando foi espancada por um homem... Na América, a cada três minutos uma mulher é espancada, e não há nunca boas imagens de uma mulher espancada.

Uma das suas fotografias que prefiro foi tirada em Portugal. É a imagem de umas velas a arder em Fátima. Penso que não tem nada e simultaneamente tem tudo a ver com o resto da sua obra. Mostra sofrimento sem o mostrar verdadeiramente e também nos enche de optimismo e fé mesmo que não estejamos a falar necessariamente de religião. É uma fotografia muito especial. Essa é uma das minhas fotografias favoritas de sempre. É sobre a sida. Costumava acender uma vela por cada pessoa que estava doente. Pensei que assim as poderia manter vivas durante mais tempo.

E através das fotografias também? Sim. É como o portefólio de Cookie. As fotografias mostram a complexidade da sua vida. Ela não é apenas uma estatística.

E as paisagens que tem fotografado ultimamente? Agora estou mais interessada em escritos nas paredes. Ando obcecada com história e arquitectura. Só me interessam as cidades enquanto registos da vivência das pessoas. Também me interessa o céu, o mar e o deserto. Penso que não olhamos o suficiente para o céu.

COORDENAÇÃO DE ANA SOROMENHO